

VERZIGNASSE, Rogério. Movimento foi revolta contra Getúlio Vargas. Correio Popular, Campinas, 07 jul. 2002.

Movimento foi revolta contra Getúlio Vargas

A Revolução Constitucionalista de 1932 foi o maior movimento armado em solo paulista brasileiro no século passado. Em três meses de combate, 830 pessoas foram mortas. Em 1930, Getúlio Vargas disputou a presidência da República, mas foi derrotado nas urnas por Júlio Prestes, apoiado pelo presidente da época, Washington Luiz. Mas, apoiado pela classe média e pela elite da época, composta basicamente pelas oligarquias rurais, Getúlio comandou uma revolução e assumiu o comando do "governo provisório".

Vargas legalizou o Partido Comunista do Brasil (PCB), que havia sido organizado em 22, e reconheceu os sindicatos dos trabalhadores. Aboliu o Congresso Nacional e as Câmaras Municipais. Com a queda do preço internacional do café (a saca custava 200 mil réis em 1929 e caiu para 21 mil réis no ano seguinte), Getúlio determinou que o próprio governo comprasse os estoques das fazendas. Era uma resposta ao apoio que havia recebido dos fazendeiros. Mas o *crash* mundial fechou 500 fábricas no Rio e em São Paulo, e mais de dois milhões de brasileiros estavam desempregados.

Além disso, ele depôs os antigos governadores (na época chamados presidentes de cada Estado) e nomeou inter-

ventores. Em São Paulo, o interventor era João Alberto. Diante da revolta da classe política paulista, indignada pela nomeação de um governador de fora do Estado, Getúlio tirou João Alberto e nomeou Pedro de Toledo.

Mas a iniciativa chegou tarde. Segundo o ex-historiador Francisco Antônio Luciano dos Santos, a comunidade e as lideranças políticas estavam revoltadas com a crise econômica e o desemprego. Além disso, foi criada a Frente Única Paulista, que reunia lideranças de todos os partidos legalizados. Os paulistas passaram a exigir a convocação da Assembléia Constituinte. Crescia o levante popular contra a ditadura.

Em 22 e 23 de maio de 1932, aconteceram protestos em praça pública, que foram reprimidos pela Polícia de Getúlio. Os estudantes Mário Martins de Andrade, Euclides Bueno Miragaia, Dráuzio Marcondes de Souza e Antônio Américo de Camargo Andrade foram mortos. As iniciais dos nomes Martins, Miragaia, Dráuzio e Camargo, MMDC, transformaram-se na sigla do movimento revolucionário dos paulistas.

A população contribuía com recursos materiais para a compra de munições, morteiros, granadas, máscaras anti-gás e lança-chamas. Trens e

automóveis foram blindados. Canhões foram espalhados pelas linhas férreas.

9 DE JULHO

No dia 9 de julho de 1932, começou oficialmente o levante armado, comandado em São Paulo pelo general Isidoro Dias Lopes. Naquele dia, o interventor Pedro de Camargo telegrafou a Getúlio e informou que não podia conter a revolta.

Havia o apoio manifesto das forças do Mato Grosso, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Mas só os matogrossenses, liderados por Bertoldo Klinger, se mantiveram fiéis aos paulistas.

Durante três meses, os 100 mil homens das tropas federais atacaram São Paulo, que se defendia com 35 mil soldados. E Getúlio era apoiado por aqui por pessoas como Francisco Matarazzo, dono de um dos maiores impérios empresariais da época. Os aviões de guerra bombardearam até as cidades do Interior. No fim do conflito, quando São Paulo se rendeu, 830 pessoas haviam sido mortas. Dois anos mais tarde, a Assembléia Constituinte foi convocada e elaborou a Carta Magna.

Em 1997, a lei estadual 9.497 instituiu feriado em 9 de julho. Antes disso, a data era um ponto facultativo. (RV)